

ATITUDES EM RELAÇÃO À MATEMÁTICA: (DES) FAVORÁVEIS

Autora: Profa. Dra. Maria Helena Carvalho de Castro Gonçalez

O estudo das atitudes tem merecido destaque na literatura psicológica e educacional, e, particularmente, destacam-se os trabalhos dos psicólogos sociais e dos educadores preocupados com o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. A aquisição de atitudes positivas com relação à Matemática deve ser uma das metas dos educadores que pretendem ir além da simples transmissão de conhecimentos, garantindo aos seus alunos espaço para o desenvolvimento do autoconceito positivo, autonomia nos seus esforços e o prazer da resolução do problema, conforme tratado por Klausmeier (1977, p. 14): “As atitudes que as pessoas aprendem por quaisquer meios influenciam seus comportamentos de aproximação-evitamento em direção às ideias, e também seu pensamento sobre o mundo físico e social”. Em um estudo preliminar, realizado com 136 estudantes de 2ª, 3ª e 4ª séries do 1º grau, de uma escola da rede estadual de Campinas foi verificado que a matéria que eles mais gostavam de estudar é a Matemática; a maioria já tinha ouvido falar em Matemática como alguma coisa relacionada a contas; problemas e que esta era muito importante. Quando perguntados se usavam as coisas que aprendiam com a Matemática, 49% dos alunos da 2ª série, 25% dos alunos da 3ª série e 24% dos alunos da 4ª série responderam que as usavam nas lojas e nos supermercados, sugerindo indícios de que a Matemática vai se tornando mais “acadêmica” e menos “social”. Quanto à importância da explicação do professor, 80% dos alunos da 4ª série responderam que não conseguiam fazer os exercícios sozinhos, precisando da explicação do professor. Já 36% dos alunos da 2ª série preferiam fazer as lições sozinhos, denotando assim que a autonomia também vai diminuindo ao longo das séries. Era visível o mal estar dos alunos quando erravam os exercícios; 68% dos alunos da 2ª série e 80% dos alunos da 4ª série responderam que se sentiam nervosos, tristes e envergonhados quando erravam os exercícios. É fato que indica a necessidade de se rever a questão da autoconfiança e perseverança nos seus próprios esforços, o que parece que as escolas não têm permitido. É interessante ressaltar que quando

perguntados se gostariam de aprender Matemática por meio de jogos, alguns alunos responderam que “Matemática é coisa séria; não é para gente brincar”. Estas constatações e o contínuo contato com a escola e a sala de aula geraram as seguintes questões: O que está havendo com a Matemática? Será resultado de um ensino que usa fórmulas prontas e acabadas ou estaria ligado à má formação dos professores? A literatura em educação e, particularmente, em educação matemática, tem tentado responder a tais indagações, sempre ressaltando o papel importante que a Matemática desempenha na sociedade, como ressalta Machado (1993, p.33) ao tratar do papel da Matemática no currículo escolar: “No caso específico da Matemática, uma reflexão crítica sobre o papel que ela deve desempenhar na configuração curricular é imprescindível e inadiável. Em todas as sistematizações filosóficas, constatamos a importância do papel que lhe é destinado, bem como a influência que dele se irradia para todos os relacionamentos disciplinares”. É necessário, portanto, que os professores de Matemática façam uma revisão e um exame crítico da situação, analisando também os programas e currículos dos cursos de formação de professores. Esses cursos merecem um reestudo que tenha como preocupação central a formação de um educador matemático, voltado para as reais necessidades dos estudantes e para o conhecimento e efetivação de novas metodologias pedagógicas. Cabe aos professores propiciar situações reais e interessantes de ensino, em que o aluno possa interagir com o objeto de estudo e, acima de tudo, possa atuar sobre as coisas, chegando às abstrações mais complexas. Provavelmente, experiências pedagógicas desse tipo permitirão o desenvolvimento de atitudes positivas com relação à Matemática.